

violência, segurança e política processos e figurações

Organizadores:

José Vicente Tavares dos Santos

Níliá Viscardi

Pablo Emilio Angarita Cañas

Maria Glaucéria Mota Brasil



© dos autores
1ª edição 2019

Direitos reservados a Tomo Editorial Ltda.

A Tomo Editorial publica de acordo com suas linhas e conselho editoriais que podem ser conhecidos em www.tomoeditorial.com.br.

Série **Sociologia das Conflitualidades**

Coordenação

José Vicente Tavares-dos-Santos

Editor

João Carneiro

Diagramação

Tomo Editorial

Capa

Atelier @Arte

sobre ilustração de Eduardo Oliveira

Revisão dos textos em português

Moira Revisões

Revisão dos textos em espanhol

Pablo Emilio Angarita Cañas, Nilia Viscardi

As referências bibliográficas dos textos em português seguem as normas da série *Sociologia das Conflitualidades*. As dos textos em língua espanhola seguem as normas do CLACSO.

V795 Violência, segurança e política / organização de José Vicente Tavares-dos-Santos [et al.] . – Porto Alegre : Tomo Editorial, 2019.
632 p. (Sociologia das Conflitualidades; vol. 10)

Outros organizadores: Nilia Viscardi, Pablo Emilio Angarita Cañas, Maria Glaucéria Mota Brasil.

ISBN 978-85-9516-016-3

I. Sociologia da violência. 2. Segurança pública. 3. Direitos humanos. 4. Polícia e violência do Estado. 5. Prisões e sistema jurídico.
I. Tavares-dos-Santos, José Vicente. II. Viscardi, Nilia. III. Cañas, Pablo Emilio Angarita. IV. Brasil, Maria Glaucéria Mota. V. Título.

CDU 316.48

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Bibliotecária: Ketlen Stueber CRB 10/2221)

Tomo Editorial Ltda. | Fone/fax: +55 (51) 3227.1021
Rua Demétrio Ribeiro, 525 | CEP 90010-310 | Porto Alegre | RS | Brasil
tomo@tomoeditorial.com.br | www.tomoeditorial.com.br

Série
Sociologia das Conflitualidades
Vol. 10

Violência, Segurança e Política
processos e figurações

Organizadores:
José Vicente Tavares-dos-Santos
Níliá Viscardi
Pablo Emilio Angarita Cañas
Maria Glaucéria Mota Brasil



Porto Alegre, 2019

Figurações da violência contra crianças na literatura brasileira: um olhar sociológico

Elisabeth Mazon Machado

Introdução

A sociedade contemporânea comporta uma imensa variedade de fenômenos como grandes avanços tecnológicos, globalização, acesso à informação, preocupação com o meio ambiente, solidariedade, concentração de renda e poder, miséria, desigualdade, guerras, terrorismo, racismo, preconceitos e violência. Essa sociedade está constituída num cenário de conflito caracterizado pelas crescentes inovações tecnológicas, pelo multiculturalismo, pelo abuso e pela exploração sexual de crianças, mulheres e homossexuais, pela negligência para com os pobres, pela desigualdade social e econômica, pelas mudanças nas relações de trabalho e pelo desemprego. Dentre os fenômenos contemporâneos enumerados, paulatinamente, a violência tem se constituído em tema central de discussão tanto na esfera científica quanto na política e na mídia. Na medida em que a violência cresce, diferentes agentes de diversos meios se concentram para discutir, dar explicações e, quiçá, propor soluções para este problema que afeta toda a sociedade.

Podemos dizer que a violência se constitui numa forma de relação contrária ao processo civilizatório, pois esse pressupõe a supressão da violência, amparado em uma transformação da agressividade humana e em um forte investimento em controle social. Essa configuração social pode ser denominada de “civilidade” (Elias, 1990, 1993; Tavares dos Santos, 2009), que se constrói na teia dos processos de socialização. Esses, segundo Norbert Elias (1990, 1993), referem-se à pluralidade de processos sociais que se constituem na dinâmica movediça das interações sociais. Os processos de socialização envolvem uma pessoa, com experiências, capacidades cognitivas, afetos, ideologias, etc.; interações no ambiente social (relações familiares, escolares, com outras crianças, mídias, etc.); e relações de pertencimento social (raça, gênero, classe, etc.).

Os processos de socialização devem ser considerados redes de interdependências, em que tudo está relacionado (Waizbord, 2006). A possibilidade de interação social pressupõe a interdependência dos envolvidos. Isso faz com que, nos processos de socialização, não possamos entender como independente a atitude de um membro individual de determinado agrupamento social. “[...] a partir de cada interação singular é possível adentrar na teia do todo. Não há uma via de acesso que seja privilegiada, senão que todas elas levam a ele” (Waizbord, 2006, p. 97). Não é possível definir, entre o indivíduo e a sociedade, algo que possa marcar um princípio, como uma hipótese de independência total. O ser humano, desde o seu nascimento, é um ser imerso nos processos de socialização.

Sendo a violência uma negação do processo civilizatório, podemos considerar a microfísica da violência como um dispositivo de poder-saber, no qual se exerce uma relação específica com o outro, mediante o uso da força e da coerção. Isso significa estarmos diante de uma modalidade de prática disciplinar, um dispositivo que produz um dano social, ou seja, uma relação que atinge o outro com algum tipo de dano. Essa prática, composta por linhas de força, consiste em um ato de excesso presente nas relações de poder. Quando entremeadas pela violência, essas se efetivam em um espaço-tempo múltiplo, recluso e aberto, instaurando-se uma racionalidade específica (Tavares dos Santos, 2009; Tavares dos Santos & Machado, 2010). Desta forma, temos na violência contra criança uma prática disciplinar, coercitiva, dotada de uma racionalidade específica.

Literatura e Infância

Os discursos sobre a violência contra crianças são a matéria-prima considerada fonte de pesquisa para a realização deste trabalho. A literatura, aqui compreendida como um discurso, faz uso da linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade social (Orlandi, 1999). Analisaremos quatro romances de formação da literatura brasileira, a saber, *O Ateneu*, de Raul Pompeia, publicado em 1888; *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, publicado em 1932; *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, publicado em 1937 e *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, escrito entre 1986 a 1993, e publicado em 1997. O romance de formação pode ser definido como:

Tipo de romance que descreve o desenvolvimento interno de um personagem, da infância à maturidade. Esse desenvolvimento comporta diferentes formas que dão origem a outros subgêneros: o “Erziehungsroman” (a educação ou aprendizagem: Rousseau, *Émile*, 1762); o “Künstlerroman” (a formação artística: G. Keller, *Der grüne Heinrich*, 1858-1880). O “Bildungsroman” (a formação social: G. Flaubert, *A educação sentimental*, 1869) é o modo realizado deste gênero, sublinha o peso

do meio: o contexto sociocultural, a família, os amigos ou relações, a vivência sentimental ou outra (Gorp et al, 2005, p. 425, tradução nossa)¹.

A trama do romance de formação (*bildungsroman*) repousa sobre a perspectiva de futuro do personagem, sobre a experiência vivida para sair de uma “condição primitiva” e rumar a uma “condição elevada”. Outra característica é o tom autobiográfico dessas obras, nas quais, a narrativa frequentemente se dá em primeira pessoa. Usaremos, portanto, o romance de formação da literatura brasileira como exemplo da experiência sentimental, da história, da cultura, da educação e da organização da sociedade.

As obras em análise foram escolhidas por apresentarem diferentes momentos históricos, diversas relações sociais e por abordarem a violência contra crianças a partir de distintos registros simbólicos. A literatura aparece na Sociologia como representação ou catarse da realidade, constituindo o que Auerbach (2009) denomina mimeses ou, segundo Tavares dos Santos e Teixeira (2013), uma “figuração séria da realidade”. A literatura, para fins deste estudo, é compreendida como um discurso sobre a realidade, mais especificamente sobre a violência.

Daí que todo discurso sobre a violência é dela necessariamente uma representação e não uma descrição, mostrando-se, por essência, da ordem da ficção. É por essa via, enfim, que a violência e literatura se acham tão intimamente ligadas (Leenhardt, 1990, p. 15).

As narrativas sobre a violência são permeadas por uma ambivalência ao invocarem o que Cruz (2009) denomina de “não social” (todas as formas de violência) em prol da defesa de um “social existente”, ou de um vislumbre. Há, nesta ambivalência, uma tensão sobre um espaço/tempo de desordem que produz como consequência um “relato”. Tensão e desordem são a matéria das narrativas abordadas.

O Ateneu, de Raul Pompeia

O livro de Raul Pompeia, *O Ateneu*, foi publicado no ano de 1888, quando o Brasil definitivamente impõe a Lei Áurea, dando fim à escravidão. A abolição no país começa seu processo a partir da conjuntura internacional, pois, no ano de 1845, a Inglaterra promulga o Bill Aberdeen, que pressiona o governo a es-

1 No original: “Type de roman qui dépeint l’épanouissement intérieur d’un personnage, de l’enfance à la maturité. Cet épanouissement adopte plusieurs formes qui donnent lieu à autant de sous-genres: l’ “Erziehungsroman” (l’éducation ou apprentissage: Rousseau, *Émile*, 1762); Le “Künstlerroman” (la formation artistique: G Keller, *Der grüne Heinrich*, 1854-1880). Le “Bildungsroman” (la formation sociale: G. Flaubert, *L’éducation sentimentale*, 1869) est le mode accompli du genre; il souligne le poids du milieu: le context socio-culturel, le famille, les amis ou relations, le vécu sentimental ou autre”.

tabelecer a Lei Eusébio de Queiroz, que extingue o tráfico negreiro. O século XIX foi marcado por uma reestruturação do sistema educacional brasileiro, principalmente dos colégios internos frequentados pelos filhos da elite. Esses internatos eram impregnados de modelos severos e regimes autoritários, nos quais a educação moral rígida era vista como objetivo final da escola.

O Ateneu é uma obra situada entre o Realismo e o Naturalismo brasileiro, destacando-se pela presença de um narrador que possui emoções guardadas e as expressa através de uma descrição memorialista. O narrador da obra é um adulto que, sendo personagem enquanto criança, passou dois anos de sua infância no internato. Aproximando-se da história pessoal de vida do autor, Raul Pompeia, podemos inferir que a obra possui traços autobiográficos. Ao contar os fatos vividos, o narrador expressa percepções e opera análises sobre os personagens. Apesar de haver um distanciamento etário, em muitos momentos os sentimentos do adulto se confundem com as inseguranças da criança. Por outro lado, há uma certa objetividade, centrada no adulto, em que a descrição dos fatos é permeada de críticas à sociedade e ao modelo de internatos existentes no século XIX.

A problemática da obra diz respeito à opressão dos poderosos sobre os menos favorecidos. Levando em consideração o fato de que *O Ateneu* é o microcosmo da sociedade, que naquele período vivia sob um Império, a dominação da escola sobre os alunos representa também a dominação da elite branca sobre os negros e mulatos. Tanto é que, no fim da obra, quando *O Ateneu* pega fogo, ocorre o fim da escravidão. Ou seja, ao mesmo tempo em que os alunos se libertam das regras do *Ateneu*, os negros se “libertam” da dominação.

A obra trata muito sobre a solidão e o desajuste de um indivíduo jovem dentro de um ambiente totalmente autoritário e hostil; assim, a narrativa não tem uma linearidade e uma história propriamente dita. Ocorre, na verdade, uma sucessão de fatos nos quais o narrador expõe os seus julgamentos e retrata como se sentiu à época. A violência aparece na obra sob diferentes aspectos, mas a forma mais significativa diz respeito ao modelo pedagógico do internato, bastante marcado pelo autoritarismo. A perversão, homossexualidade e até mesmo a corrupção também são abordadas no livro, tendo em vista que *O Ateneu* funciona como um espaço que reproduz a sociedade. A obra se estende durante o período em que Sérgio fica no *Ateneu*. O tempo psicológico e o tempo vivido se mesclam em razão de ser um livro de memórias, mas que também trata sobre o cotidiano de Sérgio durante os dois anos em que esteve no internato.

Antes do ingresso, Sérgio e seu pai foram visitar o diretor. Ao realizar essa visita, eles conheceram também a sua esposa, D. Ema, que pediu a Sérgio que cortasse os cabelos, como despedida dos laços maternos. Esse momento marca a ruptura com a proteção do lar e o início do disciplinamento físico e da educação moral. A mesma D. Ema, que acaricia Sérgio em um jantar em sua casa,

é objeto de amor platônico do menino. As carícias, o afastamento de Egbert, considerado o único amigo verdadeiro de Sérgio, que o admirava pela sua beleza e a morte de Franco em consequência de uma enfermidade ocasionada pelos maus-tratos sofridos na escola, trazem para Sérgio o sentimento de haver se tornado um homem. O desfecho da obra se dá com o incêndio intencional do Ateneu. Américo, um aluno que veio da roça, não se adaptou desde a chegada, não falava com ninguém e realmente não gostava da escola. O garoto rompeu com o encanamento do gás no saguão das bacias e desapareceu do Ateneu. O incêndio, na escola, representa a queda de um sistema opressor, pois se dá ao mesmo tempo em que ocorre a abolição da escravidão no país. O próprio nome do personagem, Américo, representa a “superioridade” de uma República em relação ao Império.

A obra, como visto, se passa na própria escola, a qual representa um microcosmo da sociedade. Ou seja, naquele pequeno espaço, há uma reprodução de comportamentos, regras e atitudes característicos da sociedade exterior, tratada em *O Ateneu* como “o grande mundo lá fora”. Esse ambiente regado e autoritário, que reflete a sociedade brasileira no mesmo período, pode ser percebido pelo seguinte trecho:

O Ateneu é um colégio moralizado! E eu aviso isso a muito tempo. Eu tenho um código... [...] Aqui está o código. Leiam! Todas as culpas são prevenidas, uma pena para cada hipótese: o caso da imoralidade não está lá. O parricídio não figurava na lei grega. Aqui não está a imoralidade. Se a desgraça ocorre, a justiça é o meu terror, e a lei é o meu árbitro! Briguem depois os senhores pais! (Pompeia, 2005, p. 63).

O grande desejo de Sérgio é ter uma vida tranquila na qual o cenário autoritário e elitista não exista. Sérgio, bem como Raul Pompeia, buscam o fim de uma dominação social e defendem a liberdade, mesmo que para isso seja preciso burlar as regras. Através dos maus-tratos, da hipocrisia, dos castigos físicos e morais, do abuso, o narrador faz uma crítica à sociedade que, tal qual o Ateneu, caracteriza-se pela vitória dos mais fortes e a busca de proteção dos mais fracos. Àqueles que não possuem um destes lugares só resta sofrer as injustiças do sistema.

Menino de Engenho, de José Lins do Rego

Menino de Engenho foi publicado no ano de 1932, enquanto o país enfrentava a Revolução Constitucionalista de 1932. Os motivos da revolução começam anos antes, quando a chegada de Getúlio Vargas à presidência do país coloca fim na política do café com leite, desagradando elites paulistas. Com esse cenário, as forças políticas e econômicas de São Paulo exigiam uma nova Assembleia Cons-

tituinte, novas eleições e o fim do governo provisório. O período é marcado pela transição de uma economia centrada na agricultura para uma maior industrialização, o que se reflete na obra que mostra um cenário no qual a escravidão já tinha sido abolida, mas o respeito, a servidão e o cuidado entre senhor do engenho e escravos persistia.

O livro retrata uma parte da infância de José Lins do Rego (representado pelo personagem Carlos) marcada pela violência e por perdas, desde os quatro anos, quando seu pai assassina sua mãe, até os doze anos, quando é mandado para um internato e tem de deixar para trás tudo que viveu no engenho. A obra tem como pano de fundo um engenho no qual os escravos sofrem nas mãos dos senhores de engenho, as negras são objetos sexuais, os animais servem para o início da vida sexual dos garotos, e a medição do tempo se dá através das cheias do rio.

Embora o livro seja uma espécie de memória, as temáticas centrais são a violência, tanto física como simbólica, e a submissão. O grande enigma social da obra é a naturalização de uma desigualdade social e da violência sem justificativas concretas e sem soluções.

O costume de ver todo dia essa gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisso uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos (Lins, 2002, p. 108).

O livro é escrito em primeira pessoa com um narrador-personagem, o qual está envolvido na trama e com os demais personagens. Em razão dessa modalidade de narração, a obra traz a intensidade de todos os sentimentos, as impressões e os julgamentos de Carlinhos sobre o mundo – o que revela a ingenuidade e, em alguns momentos, a precocidade do personagem.

O personagem principal não age como um herói durante a história. Na verdade, ele apenas sofre com as consequências de uma realidade a qual ele ainda não tem como transformar e lhe é confortável. Com os professores, escravos e familiares, Carlinhos torna-se maduro precocemente e enfrenta a vida de um homem antes de saber como é exatamente a de um garoto. Carlos sofre com os exemplos “negativos” e teme ficar doente como o pai, vive sozinho pelo engenho e se declara um menino triste. Gostava de saltar com os primos, de caçar passarinhos no alçapão e tinha um medo doentio da morte.

Carlos vive em uma posição socialmente superior à dos demais membros do romance, pois, sendo neto do dono do engenho, o velho José Paulino, ele

vive na casa-grande e tem escravos que o servem. A casa na qual Carlos e sua família moram é grande, cada um tem seu quarto, e a sala de jantar está com a mesa sempre farta de comida. A senzala, por sua vez, é suja, cheira a mictório e oferece péssimas condições de vida aos escravos.

Embora o livro vise retratar a vida de Carlinhos, o cenário pós-escravidão compõe a história e expõe violências e conflitos sociais. Os escravos, sem moradia e comida após terem sido “libertados”, seguem trabalhando nos engenhos e nas casas grandes para sobreviverem. No livro, a relação entre negros e brancos é vista sob uma óptica positiva, de ganhos para ambos os lados; no entanto, mesmo que seja um período de pós-escravidão, ainda há uma relação de subordinação, na qual, muitas vezes, as negras são abusadas sexualmente. Contudo, na visão do jovem Carlos, a vida dos negros era até melhor que a dele, pois eram livres e desimpedidos. Carlos vive esperando pelo dia em que vai ser realmente livre e espera que a escola possa ser uma transformação positiva em sua vida. Tanto doenças quanto traumas vividos pelo garoto fizeram com que ele sempre fosse se isolando das outras pessoas – e seu desejo é poder ser livre como os moleques filhos das escravas, sem dar satisfações.

A vida no engenho desde o início da obra é vista como temporária, e o destino de Carlos é a escola. Com doze anos de idade, o jovem tem seu primeiro contato sexual com uma mulher, embora esse não seja seu primeiro amor. Após se relacionar com Zefa Cajá, Carlinhos pega uma “doença de homem” e tem sua ida à escola antecipada, pois seus familiares acreditam que a escola poderia “amansar” um menino que era safado. Carlinhos vai para o colégio com a experiência de vida de um homem e terá que aprender lá as coisas de menino.

Eu não sabia nada. Levava para o colégio uma alma mais velha que meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompéia, entrava no colégio com cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio (Lins, 2002, p. 141).

Capitães da Areia, de Jorge Amado

Capitães da Areia foi publicado no ano de 1937, quando o Brasil vivia a ditadura imposta pelo Estado Novo. Este período foi marcado por um forte sentimento nacionalista e pela centralização do poder estatal. O fascismo se fazia presente através da Ação Integralista Brasileira (AIB), liderada por Plínio Salgado, cujas ideias conservadoras eram resumidas no lema “Deus, Pátria e Família”. Todo esse cenário é construído porque os grupos comunistas (Jorge Amado fazia parte do PCB) representavam, segundo o governo, um perigo e uma ameaça à paz nacional; dessa forma, o país precisaria ser salvo. Durante o Estado Novo,

Vargas anunciou a nova Constituição de 1937, que suspendia todos os direitos políticos, abolindo os partidos e as organizações civis. O Congresso Nacional foi fechado, assim como as Assembleias Legislativas e as Câmaras Municipais. Devido ao regime vigente, que se propunha a caçar comunistas, a obra foi censurada e, em seguida, todos os livros de Jorge Amado foram queimados em praça pública, pois o autor era acusado de ter participado, anos antes, da Intentona Comunista, sendo, então, considerado subversivo.

A obra *Capitães da Areia* conta a história de crianças em situação de rua, em vulnerabilidade social, órfãs, abandonadas, frutos da miséria e do descaso. Roubo, humilhações, vingança, tortura e violência urbana também são retratadas na obra, que cria uma espécie de maniqueísmo entre ricos e pobres, fortes e fracos, e sociedade opressora e meninos marginais.

A obra é narrada em terceira pessoa e com narrador onisciente, sabedor de tudo que acontece com os personagens. Com o uso dessa técnica, o narrador apresenta não somente os acontecimentos da vida brutal e as atitudes dos garotos, mas faz com que o leitor entenda o que se passa na mente dos Capitães da Areia, entenda suas aspirações, sua ingenuidade, sua pureza, suas reações comuns a qualquer criança. Neste caso, o narrador tece comentários, sempre favoráveis aos Capitães da Areia. O livro utiliza como personagem principal os Capitães da Areia, sendo que cada um dos membros tem a sua representatividade dentro da obra e funciona como uma faceta do grupo. O tempo do romance acompanha o crescimento dos garotos e atravessa suas infâncias até entrarem na vida adulta e terem condições de mudar-se do trapiche para seguirem seus rumos.

Os Capitães da Areia, em razão de sua situação de marginalidade, têm sua casa como uma espécie de refúgio de todos os problemas. Os garotos moram em um trapiche em frente à praia, onde antes só havia mar, mas, com o passar do tempo, a areia se estende em frente ao trapiche. O local é abandonado, habitado por ratos e cachorros em busca de abrigo contra a chuva e o vento – e é assim que eles conhecem o lar dos Capitães da Areia. Embora o teto já estivesse em ruínas, e o local fosse totalmente precário, os meninos preferiam o casarão abandonado a dormir na areia ou em outros trapiches onde a água do mar subia tanto que ameaçava levá-los. Além disso, a proximidade com o mar e o aconchego da areia em frente à casa serviam como espaços de reflexão para os garotos.

Ali estavam mais ou menos cinquenta crianças, sem pai, sem mãe, sem mestre. Tinham de si apenas a liberdade de correr nas ruas. Levavam a vida nem sempre fácil, arranjando o que comer e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes, pedindo esmola (Amado, 2008, p. 46).

No papel de miseráveis, a única alternativa de sobrevivência aos Capitães da Areia é o roubo e a violência. Meninos sem pai, sem mãe, sem mestre, sem escola passam sede, fome, são espancados e, por isso, reagem a um sistema opressor que não lhes deixa muitas alternativas de crescimento social e econômico. Os meninos da obra seguem as leis do grupo em detrimento de qualquer regra instituída. A ingenuidade do pensamento das crianças prova que a violência raramente é gratuita, mas é reação à realidade social vivida por aquele grupo. A violência e os furtos são justos e, até mesmo, necessários, de acordo com a lógica interna dos Capitães.

Embora saibam e verbalizem que será difícil sair daquela vida marginalizada, o sonho dos meninos é poder mudar o destino de todos os pobres. Para isso, eles se refugiam na amizade do grupo e tentam se encorajar a desenvolver suas habilidades. Contudo, enquanto são mais jovens, temem conquistar o seu lugar em uma posição de mais destaque social, pois um dos sentimentos mais intrínsecos nos garotos é a liberdade de viver na rua.

O desfecho do livro se dá com a maturidade dos Capitães e os seus progressos na busca por esse novo destino aos pobres. Com a morte de Dora, a única menina do grupo, o trapiche parece não ter mais a mesma alegria, e os meninos cansam-se de serem tachados de ladrões e não conseguem prospectar um outro futuro. Com isso, eles saem do trapiche para conquistar o mundo. O Professor decide seguir a vida de artista e retratar em suas obras a realidade dos meninos da rua. Pirulito deixa o trapiche e vira frade. Boa-Vida torna-se sambista e, em suas canções, retrata a realidade da rua. Volta Seca vai para o Sertão e ingressa no bando de Lampião. Sem-Pernas prefere suicidar-se a ser preso e humilhado por um policial. Pedro Bala segue o exemplo de seu pai e passa a organizar greves de trabalhadores. O destino dos garotos muda, tudo passa a ser diverso, e a luta eficiente, porque responsável por essas transformações.

Cidade de Deus, de Paulo Lins

A obra foi escrita no período de 1986 a 1993, quando o autor, Paulo Lins, vivia na favela chamada Cidade de Deus. Os anos oitenta, no Brasil, foram apelidados de a década perdida em razão do fracasso da economia; contudo, também houve o fim do regime militar, a promulgação de uma nova Constituição e a explosão de uma nova musicalidade no país – retratada com frequência pelos moradores da Cidade de Deus. Já os anos 90 foram um pouco diferentes. Após terem eleito democraticamente o Presidente da República, os brasileiros sofreram novamente com a instabilidade da economia e foram vítimas, sobretudo a chamada classe média, do confisco de suas poupanças depositadas nos bancos. Com a democracia instalada, o povo pôde ir às ruas pedir o impeachment do

presidente Fernando Collor de Mello. O modelo liberal cresceu sem ser questionado. Enquanto isso, as periferias e favelas brasileiras cresciam ainda mais e se apropriavam da cultura e da arte para subverter o estereótipo de violência e criar uma outra estética.

A obra se passa toda no conjunto habitacional Cidade de Deus, recém-criado, e que surge como uma possibilidade de novas e boas perspectivas aos moradores. A Cidade de Deus, que começa com um olhar positivo e um pouco mais romantizado, torna-se um local marcado pela criminalidade. É como se o ambiente interferisse sobre o ser, de modo que, ao nascer e ser criado na favela, o morador de Cidade de Deus esteja destinado ao mundo do crime.

Cidade de Deus traz como tema central a violência, abordada sobre diferentes aspectos. Ela aparece como possibilidade de mudar o mundo, em uma perspectiva revolucionária e de afirmação de uma condição social. Por vezes, ela é utilizada como forma de sair da marginalidade e conquistar uma vida tranquila e com maior poder aquisitivo. Dessa vez, a violência é banalizada, e uma simples paixão é motivo de guerra. A violência parte também dos próprios policiais, que são corruptos e agem de forma violenta. Por fim, a violência também é vista através do sexo, os garotos estupram as meninas como se estivessem fazendo uma boa ação a elas. Um trecho onde a violência contra um bebê aparece como alternativa a uma suposta traição:

Tomou outro copo de cachaça, vagarosamente, com um cruel sorriso desenhado no rosto. O santo novamente ficou a ver navios. Pegou a faca na rapidez do Diabo, alguma coisa sempre lhe disse que certos atos devem ser iniciados a toda pressa, senão não vingam, não dão efeito. Colocou o recém-nascido em cima da mesa. Este, ainda no primeiro momento, agiu como se fosse ganhar colo. Segurou o braquinho direito com a mão esquerda e foi cortando o antebraço. O nenê revirava-se. Teve de colocar o joelho esquerdo sobre seu tronco. As lágrimas da criança saíam como se quisessem levar as retinas, num choro sobre-humano (Lins, 2002, p. 68).

Cidade de Deus é narrada em terceira pessoa, através de um narrador onisciente, que sabe tudo que os personagens pensam e fazem. Através de uma linguagem informal e permeada por gírias e expressões próprias da comunidade, o autor descreve o perfil do local e seu desenvolvimento. Para dar ritmo à leitura, a obra tem vários flashes que possibilitam o cruzamento de situações e histórias, bem como a criação de novos personagens.

A passagem do tempo é marcada pelo surgimento da favela, o início do tráfico na região e a guerra que se forma no local, construindo um cenário completamente caótico e inseguro. Essa temporalidade também é percebida ao passo que os personagens, que conduzem a história e as fases da favela, vão morrendo e dando espaço a “sucessores”.

A história gira em torno da comunidade e não é centrada em um único personagem. Contudo, os três grandes trechos da obra são contados a partir de conflitos gerados por personagens chaves que crescem com a Cidade. Nos anos de 1960, vemos uma bandidagem ingênua, um pouco romântica, comparando-se ao que viria a acontecer nos anos subsequentes com a implantação do tráfico de drogas e todos os seus desdobramentos. Lins deixa clara a quase total falta de adultos. É como se, na Cidade de Deus, não existissem os adultos, como se não existissem pais ou famílias. A narrativa é inteiramente dominada por adolescentes e crianças. Somente o personagem Buscapé tem um pai que lhe explica o que pode e o que não pode ser feito, trazendo uma certa moralidade ao início da narrativa. No entanto, ao longo do livro, os adultos são corruptos ou impotentes diante da violência que explode. Inaugurando um novo patamar, chegam as armas de fogo, trazidas por policiais corruptos.

A violência é utilizada como solução para todos os problemas enfrentados pela comunidade. Se a namorada traísse seu companheiro, deveria sofrer as consequências. Se o inimigo humilhasse o outro, morto. Tudo se resolve com brigas e mortes. E toda vez que não conseguiam assaltar ou cometer as infrações sentiam-se fracassados. O que move os moradores da favela a cometerem os crimes é a possibilidade de mudar de vida. Praticamente, todas as ações que cometem são vistas como temporárias e necessárias para se atingir um certo nível que lhes possibilite sair da favela e passar a viver como ricos e brancos, mesmo que demonstrem raiva dos brancos. Contudo, toda vez que realizam crimes e vão ficando mais ricos, o desejo por cometer infrações só aumenta, como se estivessem dentro de um ciclo vicioso. Desse modo, os três personagens principais do livro nunca conseguem atingir concretamente o objetivo de ter uma vida melhor e tranquila.

O final da narrativa se dá com a comunidade tomada pelo medo e nas mãos dos traficantes. Ao fim de cada capítulo, os personagens morrem da forma que já é imaginada pelo leitor; contudo, os problemas vividos por eles permanecem atordoando os moradores da favela. Desse modo, a cada novo capítulo, formam-se sucessores do personagem anterior, de modo que, a partir de uma linearidade, vai sendo contada a história da Cidade de Deus, que não termina com a morte dos personagens.

Considerações finais

Este estudo demonstra que é possível utilizar a categoria de romance de formação para universos sociais distintos, envolvendo variadas camadas sociais.

Nos quatro romances de formação da literatura brasileira estudados neste trabalho, podemos observar uma naturalização da violência. Ou seja, a violência

está sempre presente e atravessa todas as formas de relações sociais. O aspecto “educativo” da violência aparece na capacidade em enfrentar o abandono e os maus-tratos. Sobreviver a isto significa, nessas histórias, crescer, “virar homem”. Esse enfrentamento se dá diante de instituições, tais como escolas, família e Estado, que deveriam, idealmente, proteger. Os sujeitos, inicialmente crianças, se forjam na dor da violência e da humilhação.

A obra literária se constitui numa representação que nos permite compreender o processo histórico e produzir novos discursos. De certa forma, nos livros trabalhados, há uma impossibilidade de escapar das diferentes formas de violência. Essas se impõem aos sujeitos como algo que lhes vai construir o caráter, como um recurso moral e um processo de socialização. Um processo que se dá pela força. Diante deste conflito, temos a produção da personalidade de sujeitos, de indivíduos penetrados pela pressão e tensões de seu tempo (Elias, 1993). Se o tempo e o homem se fundem, a obra literária compreende este processo como história e criação de novas realidades discursivas.

Ao tratar da literatura, deparamo-nos com algumas formas diversas de ver a função da violência: em *O Ateneu*, de Raul Pompeia, temos diferentes formas de violência, mas a mais significativa referia-se ao modelo pedagógico do internato, marcado por relações autoritárias. A força do caráter se fazia a partir da capacidade de suportar. Esses eram os corpos dóceis (Foucault, 2006).

Em *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, a violência aparece em diversos níveis e em diversas formas de relação. O personagem principal não age, apenas sofre com as consequências de uma realidade a qual ele ainda não tem meios para transformar. O ambiente é o elemento disciplinador e os escravos servem de contraponto, pois apesar de escravizados, são senhores de seus desejos, portanto “livres”.

Em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, há uma espécie de maniqueísmo entre ricos e pobres, fortes e fracos e sociedade opressora e meninos marginais. Na situação em que viviam, a única alternativa aos Capitães da Areia era o roubo e a violência. A violência dos meninos é reativa. A violência sofrida é algo a ser superado, porque crescer implica sobreviver a ela e se tornar uma pessoa melhor.

Em *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, a violência não é somente instrumento de docilização de corpos, ela é a única linguagem que os personagens conhecem. A violência é banalizada e uma simples paixão pode ser o motivo para uma guerra. Crianças crescem em um ambiente violento e reproduzem-na com uma intensidade cada vez maior.

Os romances analisados neste trabalho demonstram a mudança social e política na concepção da infância, mas também a desigualdade e a pobreza como condições crônicas e constitutivas da realidade social brasileira. Nestas obras, a violência constitui-se em agente de socialização, uma socialização não

civilizadora. Os textos apresentam um processo de intensificação das diferentes formas de violência e uma ineficácia do Estado em modificar essa situação. No romance *Cidade de Deus*, atingiu-se o ápice da ausência da Lei e do Estado, tanto para proteger quanto para coibir conflitos. A naturalização da violência, ou seja, a aceitação da violência contra crianças por parte da sociedade é determinante, fazendo com que tanto agressores quanto vítimas compreendam essas práticas como normais e sigam a reproduzir tais condutas. A literatura, uma vez mais, espelha, ainda que em matizes, a realidade social.

Referências

- AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CRUZ, Adélcio de Sousa. *Narrativas contemporâneas da violência: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz*. 240 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e Civilização*. V. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993..
- _____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. V. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GORP, Hendrik et al. *Dictionnaire des termes littéraires*. Paris: Champion Classiques, 2005.
- LEENHARDT, Jacques. Prefácio. In: LINS, Ronaldo Lima. *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Relatório do especialista independente para o Estudo das Nações Unidas sobre a Violência Contra Crianças*. Nova York: ONU, 2006.
- POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.
- REGO, José Lins. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.
- TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. *Violências e conflitualidades*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.
- _____; MACHADO, Elisabeth M. Violência, juventude e reconstrução dos laços sociais. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v.12, n.2-3, 2010.
- _____; TEIXEIRA, Alex N. Figuras da violência: uma apresentação enigmática. *Sociologias*, v.15, n.34, sep./dec., 2013.
- THERBORN, Göran. *Sexo e poder: a família no mundo, 1900-2000*. São Paulo: Contexto, 2006.
- WAISELFSZ, Júlio J. *Mapa da violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil*. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2012.
- WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2006.